

A inútil discussão sobre a recessão

28 JUL 1985

O GLOBO

Economia
Brasil

O Presidente da República, em sua fala pela tv, assegurou que buscará taxas de crescimento da ordem de 5 por cento ao ano para a economia nacional.

Tanto bastou para que começassem (ou voltassem) a seguir análises sobre a possibilidade de essa meta não vir a ser atendida nem mesmo este ano, porque — dizem essas interpretações — a indústria já estaria “entrando em declínio”, nos últimos meses. Ninguém teria nada contra “chutes” desse tipo, se não trouxessem o risco de causar males ao país, como, por exemplo, a tomada de decisões erradas, com a criação de problemas em futuro próximo. Mais claramente: o Governo pode ser “convencido” de que é preciso adotar medidas para “ativar” a economia (a despeito das pressões do FMI). Com isso, estaria jogando lenha na fogueira, pois o problema real que pode surgir daqui para a frente é exatamente o oposto, isto é, de “superaquecimento” da economia — com reflexos sobre a inflação — e, não, de “retrocesso na economia”.

Volte-se a juntar dados espersos, para mostrar que a economia caminha para um “boom” de consumo (ou já está nele), cabendo ao Governo resistir ao “lobby” do pessimismo:

● **Indústria automobilística** — com estoques de nove dias nas fábricas, contra 30 habituais, e de 45 veículos em média, nas revendedoras paulistas, contra 180 veículos habituais. Empresas como a Volkswagen já cogitam de trabalhar três turnos,

isto é, dia e noite ininterruptamente (estão trabalhando dois) para atender a demanda e repor estoques.

● **Indústria de papel** — Obrigada a “racionalizar” exportações, porque o consumo interno cresceu acima das previsões, na faixa dos 15 por cento.

● **Supermercados** — Dado já citado: na grande São Paulo, suas vendas avançaram quase 40 por cento em termos reais, em junho último.



● **Finanças estaduais** — A arrecadação do ICM, imposto estadual, cresceu 17 por cento em termos reais, descontada a inflação, no primeiro semestre do ano. Estados (e municípios) vêm obtendo arrecadação acima das previsões, o que significa dinheiro “extra” para obras, projetos, aumentos do funcionalismo, com reflexos sobre a demanda.

● **Exportações** — as análises dão muita importância à queda nas exportações para os EUA. Mas diariamente, na imprensa, estão surgindo notícias sobre contratos de empresas brasileiras, para vendas volumosas sobretudo aos países exportadores de petróleo (graças no caso a “acordos de trocas” assinados pela Petrobras, e que beneficiam as empresas privadas). Exemplos gritantes da última semana: contrato da São Simão, para venda de tubos de aço da Confab à Índia — sem falar nos crescentes negócios para a China e Iraque.

● **Poder aquisitivo do consumidor** — Com a recuperação do mercado de trabalho e dos salários, crescem as consultas ao SPC (para compra a crédito), cai o número de negativos (consumidores com prestações atrasadas) e sobre o número de reabilitados (negativos que estão liquidando débitos velhos). Outro exemplo desse fenômeno: os consórcios de carros acusaram queda no número de inadimplentes, para apenas 6 por cento do total, contra 25 por cento no primeiro semestre de 1984. E o número de cotistas subiu 30 por cento.

● **Poder aquisitivo, ainda** — Já se disse, vale repetir: em São Paulo, onde a ordem dos economistas criou um índice especial para medir o custo de vida da classe média, esse índice subiu apenas 67 por cento de janeiro a junho. Como os salários de junho foram reajustados em 87 por cento houve um ganho de 20 pontos percentuais para os assalariados dessa faixa.

● **Imposto de renda** — após a tentativa de “congelamento”, a tabela para desconto na fonte foi reajustada em cerca de 87 por cento, a partir de julho. Como os salários (de julho em diante) vêm sendo reajustados por um INPC decrescente, abaixo daqueles 87 por cento, houve vantagens para os assalariados, que “caem” em uma alíquota mais baixa de desconto, na tabela do imposto. Mesmo que a vantagem seja pequena, em termos individuais, a redução indireta do IR representa um acréscimo significativo, em termos de “bolo” de salários, no País, com reflexos sobre a demanda.

● **Queda da inflação** — Menores taxas de inflação significam desgaste mais lento dos salários, mês a mês, aumentando o poder de compra da população (sobretudo da classe média, no momento). No segundo semestre do ano passado, e em 1983, a tendência era inversa. Nada justifica, assim, os temores de uma “desaceleração” da economia neste segundo semestre. Somente o hábito irresponsável de sempre “pedir mais” explica as análises pessimistas. Lobby, puro.